

190

GERAL

INDIOS

Guaranis definem áreas de plantio

Líderes indígenas reuniram-se ontem para planejar o cultivo das lavouras deste ano

FOTOS ARIVALDO CHAVES/ZH



Reivindicações: os índios pediram aos representantes da Funai sementes e ferramentas para plantar milho e feijão

Os índios guaranis querem começar a plantar. Agosto é o mês de preparar a terra para o feijão e o milho. Na chuvosa e fria manhã de ontem, treze líderes das principais áreas de ocupação guarani no Rio Grande do Sul reuniram-se para planejar como vão trabalhar a terra esse ano. Em uma casa na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, eles apresentaram a dois representantes da Fundação Nacional do Índio (Funai) a lista de ferramentas e sementes necessárias para colocar em prática o principal meio de subsistência desses grupos indígenas.

Voz mansa, olhar baixo. Assim os guaranis discutiram com os represen-

tantes da Funai onde vão cultivar feijão, milho, amendoim, fumo, melância e melão. O encontro, que pela primeira vez reuniu tantas líderes para tratar desse assunto, começou às 10h e seguiu a descrição feita por Avelino Gimenez — líder da reserva de Barra do Ouro, no Litoral Norte do Estado — sobre o povo guarani. "Guarani não briga, mas luta pelos seus direitos", disse Gimenez. "Queremos conversar com os brancos sem brigas".

Enxadas, foices, facões, 405 quilos de sementes de milho e 365 quilos de sementes de feijão. Foram essas as reivindicações feitas pelos índios. Com esses instrumentos, eles pretendem iniciar o plantio em terras gaú-

chas em setembro. Quatro áreas estão garantidas pela Funai: Barra do Ouro e Varzinha, em Maquiné, Cantagalo, em Viamão, e Pacheca, em Camaquã. "Queremos garantir esses locais para evitar que os índios se instalem na periferia das grandes cidades", explicou César Stein, agrônomo da Funai.

Entre os cerca de 10 mil índios que vivem em território gaúcho, apenas 790 são guaranis. Em maio desse ano, o Projeto Mbya-Guarani, uma organização não-governamental, fez um levantamento sobre o número de índios no Estado. A Funai tem dificuldade de fornecer dados porque os guaranis costumam migrar de um local a outro constantemente.



Chefe quer proteger cultura do seu povo

O índio Avelino Gimenez (foto), da região de Barra do Ouro, em Maquiné, carrega como líder de seu grupo uma árdua missão: garantir a terra para o plantio. Diferente de seus ancestrais, ele perde a maior parte de seu tempo debatendo com os "brancos" formas de abrir espaços reservados aos índios em território gaúcho. "Há 300 anos, os caciques tinham mais tempo para ensinar as crianças a caçar e fazer armadilhas", conta. "Hoje nosso maior problema é a terra." Gimenez é responsável por um grupo de 14 famílias instaladas em Barra do Ouro e uma importante liderança dos guaranis no Estado. Apesar de dura e trabalhosa, a função de assegurar a terra é dividida com a preocupação de manter a língua e os rituais dos guaranis vivos. "Nossas crianças não vão a escola dos brancos porque aprendem nossa língua e nas aldeias ainda rezamos para nossos deuses", conta.